

**UnB****DAN**

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Disciplina: *Sociedades Camponesas* (335291) - 2018/1 [4 créditos] – 08h às 12h.

Henyo T. Barretto Fº (DAN/UnB)

**Ementa.** Teoria da Sociedade camponesa. Valores e sistemas de representação. O campesinato em diferentes modalidades de sociedade global. A relação entre economia e organização social em grupos camponeses. O campesinato como tradição. Reprodução social camponesa no contexto atual. Grupos étnicos.

**Justificativa.** Diante de uma variedade de caminhos possíveis, inclusive o de ministrar um curso modelar de sociedades camponesas, a presente proposta se apoia em uma tradição docente estabelecida – de promover torções nas disciplinas optativas, ofertando-as com enfoques etnográficos e temáticos específicos – para tratar dos assim chamados “povos e comunidades tradicionais” no Brasil<sup>1</sup>. Entendemos esta como categoria multidimensional e proteiforme, que emerge historicamente na dissolução do código/sistema de pensamento constituído pelos estudos de campesinato, e no tangenciamento de múltiplos vetores (políticos, econômicos, identitários, territoriais e científicos – no campo das próprias Ciências Sociais) relativos a desenvolvimentos recentes e mutuamente conflitantes na sociedade brasileira (crise de padrões tradicionais de relação política, políticas claudicantes de reforma agrária, expansão da malha infraestrutural e do complexo agro-minerário-exportador, qualificação de programas redistributivos). Muitos dos coletivos e socialidades reconhecidos como tal encontram-se hoje severamente ameaçados, tanto pela expansão e/ou consolidação de variadas frentes de “desenvolvimento”, quanto pelo desmonte da institucionalidade estatal construída para lidar com eles (o que inclui a abolição da própria categoria como objeto de políticas públicas).

**Objetivos.** Tendo em vista as circunstâncias suprareferidas, a disciplina se propõe a refinar (com uma visada histórica) conceitos e métodos implicados no tratamento dos povos e comunidades tradicionais, mapeando sua sociogênese e revisando parte da literatura recente no Brasil sobre tais grupos – tendo em vista qualificar o emprego mesmo dessa categoria. O conteúdo programático constitui um amálgama combinado e desigual das diferentes possibilidades apresentadas para xs cursistas no primeiro dia de aula, tendo uma natureza abrangente e panorâmica. As unidades temáticas e os textos correspondentes não são exaustivos e nem têm a pretensão de cobrir a totalidade dos tópicos abarcados pelo tema, devendo antes ser entendidos como “janelas” que oportunizem e catalisem interesses em mergulhos mais profundos. Bibliografia complementar será apresentada paulatinamente aos participantes.

**Metodologia e Avaliação.** O curso se constitui de 15 sessões dispostas ao longo de 15 semanas, com uma sessão semanal. Em cada sessão discutiremos um conjunto de textos obrigatórios, cada um a ser tratado por um/a cursista, como parte de seu compromisso geral com a disciplina – o professor responsável ficando com os encargos de comentários e ênfases complementares, e sistematizações finais (não necessariamente conclusivas). O curso é parte de uma “oferta”, o que significa dizer que é para xs cursistas se apropriarem dele do modo que lhes for mais produtivo. Assim sendo, os exercícios de avaliação (*intermediária e final*) poderão tomar diferentes formas, a serem previamente acordadas com o professor: (i) projeto de pesquisa em torno do tema e/ou de tópicos discutidos ao longo do curso (p. ex., versões preliminares de projetos de qualificação); (ii) ensaio etnográfico a partir de dados preliminares de experiência profissional, ou pesquisa de campo; (iii) ensaio teórico articulando autore(a)s/tópicos/abordagens da bibliografia (obrigatória e/ou complementar), ou outra que dialogue com o tema geral da disciplina; (iv) resenha de uma monografia, dissertação, tese ou livro recém publicado em Antropologia Social no Brasil sobre o tema (lista preliminar com sugestões será oportunamente sugerida) – com possibilidade de publicação em periódico especializado; e (v) qualquer outra alternativa definida por meio de diálogo e acordo prévios com o professor responsável.

**Conteúdo Programático** (ver páginas subsequentes – alterações poderão ocorrer ao longo do curso para adequar a proposta ao que emergir dos debates).

---

<sup>1</sup> Alguns dos caminhos possíveis foram apresentados para xs cursistas no primeiro dia de aula, inclusive, por dever de ofício, a perspectiva de um curso modelar de sociedades camponesas, para que se avaliasse o que se ganha e o que se perde quando fazemos tais opções.

**UnB****DAN**

**Introdução** (07/03): apresentação dxs cursistas, do professor e de “caminhos possíveis” para o curso; dinâmica de grupos para discutir as propostas apresentadas e socializar comentários, críticas e sugestões

**I – Comunidade(s) e tradição(ões): algumas pistas analíticas** (3 sessões). A proposta é problematizar dois termos da equação “PCT” por meio da leitura e discussão de alguns textos clássicos e contemporâneos, que permitam uma apropriação crítica e produtiva dessas noções, e uma reflexão crítica sobre a compatibilidade desses mundos da vida com a lógica do capital.

**14/03**

---

MOTOKI, Carolina et al. 2018. “O levante das comunidades tradicionais”. Matéria no blog da *Repórter Brasil*. Disponível em <http://reporterbrasil.org.br/comunidadestradicionais/o-levante-das-comunidades-tradicionais/>.

IBGE. 1975. “Caboclo Amazônico”; “Vaqueiro do Rio Branco”; “Vaqueiro do Nordeste”; “Caiçaras do Nordeste”; “Muxungo”; “Ervateiros”; “Agregado”. Em *Tipos e Aspectos do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE.

TONNIES, Ferdinand. 2001 [1887]. “A note on translation”; “Glossary”; “The argument”; “The theory of *Gemeinschaft*”. Em *Community and Civil Society*. Cambridge, UK: At the University Press. pp. xxxvii-xliv; 17-51.

WEBER, Max. 2000. [1909...] “Conceitos Sociológicos Fundamentais”. Em *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Vol. 1. Brasília: EdUnB. pp. 03-35.

**21/03**

---

FERNANDES, Florestan et al. 1975. “A pequena comunidade”. Em Fernandes, F. (org.), *Comunidade e Sociedade no Brasil: leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil*. São Paulo: Cia. Editora Nacional (2ª ed.). pp. 43-80.

DURHAM, Eunice R. 2004. “Comunidade”. Em Thomaz, Omar R. (org.), *A Dinâmica da Cultura: ensaios de Antropologia* São Paulo: Cosac Naify. Pp. 219-225.

REDFIELD, Robert. 1969 [1954-5]. “The Social Organization of Tradition”. Em *Peasant Society and Culture*. Chicago: At the University Press. Pp. 40-59.

PEREIRA, Edmilson de Almeida; GOMES, Núbia Pereira de Magalhães. 2002. “Inumeráveis cabeças: tradições afro-brasileiras e horizontes contemporâneos”. Em *Flor do Não Esquecimento: cultura popular e processos de transformação*. Belo Horizonte: Autêntica. pp. 115-136.

**28/03**

---

MARX, Karl. 1979 [1971] [1850-2]. “El campesinado como clase”. Em SHANIN, Teodor. *Campesinos y sociedades campesinas*. México: Fondo de Cultural Económica (Lecturas, 29). pp. 207-213.

MEILLASOUX, Claude. 1976 [ ] “A exploração da comunidade doméstica: o imperialismo como modo de reprodução da mão-de-obra barata”. Em *Mulheres, Celeiros e Capitais*. Porto: Afrontamento (‘Crítica e Sociedade’, 7). pp. 149-221.

SCOTT, James C. 2011 [1985]. Exploração normal, resistência normal. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº 5, Brasília, pp. 217-243.

ALMEIDA, A. W. B. 1994. “Universalização e localismo: movimentos sociais e crise dos padrões tradicionais de relação política na Amazônia”. Em D’INCAO, M. A.; SILVEIRA, I. M. (orgs.), *A Amazônia e a crise da modernização*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, pp.517-532.

**II – Alguns temas e tópicos do/no debate: terras/territórios e conhecimentos tradicionais** (2 sessões). A ideia é ler e discutir textos em torno desses dois tópicos intrinsecamente associados à noção de povos e comunidades tradicionais, uma sessão com foco em cada. Originalmente quarto bloco, foi antecipado para coincidir com um módulo do Mespt, possibilitando uma aula conjunta sobre o primeiro tópico com estudantes deste e do PPGAS.

**UnB****DAN**

---

**04/04 (sessão conjunta com a turma do Mespt)**

---

OLIVEIRA, João Pacheco de. 1998. Uma etnologia dos “índios misturados”? Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. *Mana*, 4(1), 47-77.

*Entreterras*, vol. 1, n. 1, Brasília, junho de 2017.

---

**11/04**

---

BARTH, Fredrik. 2002. An Anthropology of Knowledge. *Current Anthropology*, 43(1): 1-18.

INGOLD, T. 2004. “Two reflections on ecological knowledge”. Em Ortalli, G.; Sanga, G. (eds.), *Nature Knowledge: ethnoscience, cognition, identity*. Berghahn, New York. pp. 301-311.

PASSOLD, Sirlene Barbosa Correa. 2018. “Práticas e conhecimentos tradicionais entre mulheres quilombolas do Puris para o embelezamento e a saúde corporal”. Em CASTRO, Rosana; ENGEL, Cíntia; MARTINS, Raysa (orgs.), *Antropologias, saúde e contextos de crise*. Brasília: Sobrescrita. pp. 141-148.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. 2012. Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 55(1): 439-464.

COELHO DE SOUZA, Marcela Stockler. 2010. A cultura invisível: conhecimento indígena e patrimônio imaterial. *Anuário Antropológico I - 2010*, Brasília, DAN/UnB, pp. 149-174.

OBS.: Assistir previamente dois vídeos: (i) Tim Ingold Extra (‘Knowledge isn’t transmitted’) - <https://www.youtube.com/watch?v=ofSWGJgtgNs>; e (ii) Maria Manuela Carneiro da Cunha – Conhecimento científico e conhecimentos tradicionais (Programa Cátedras FUNDEP/IEAT) - [https://www.youtube.com/watch?v=9BRJ9\\_pNf68](https://www.youtube.com/watch?v=9BRJ9_pNf68).

**III – Campesinato/camponeses: invenção, (in)definições e morte (2 sessões).** A proposta é prover uma breve sociogênese da emergência ou invenção do camponês/campesinato como objeto de estudo e categoria analítica (“problemática”), algumas tentativas de definição do mesmo e as eventuais razões para o “fim” desse código, ou a “morte” desse sistema de pensamento, em favor de sua desconstrução e reclassificação, levando a uma abordagem nominalista na Antropologia

---

**18/04**

---

MENDRAS, Henri; JACOBS, Amy. 2002. The invention of the peasantry: a moment in the history of post-world war II French sociology. *Revue Française de Sociologie*, 43, supplément. An annual English selection. pp. 157-171.

WOLF, Eric. 2003. [1955] “Tipos de campesinato latino-americano: uma discussão preliminar”. Em Feldman-Bianco, B.; Ribeiro, G. L. (orgs.), *Antropologia e Poder: contribuições de Eric Wolf*. Brasília: EdUnB; São Paulo: Imprensa Oficial, Editora Unicamp. pp. 117-144

SHANIN, Teodor. 2005 [1982]. A definição de camponês: conceituações e desconceituações – o velho e o novo em uma discussão marxista. *Revista NERA*, Presidente Prudente, ano 8, n. 7, pp. 1-21.

VELHO, Otávio G. 1982. “O conceito de camponês e sua aplicação à análise do meio rural brasileiro”. Em *Sociedade e Agricultura*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 40-47.

---

**25/04**

---

MUSUMECI, Leonarda. 1988. “Terra Liberta: versões do mito”. Em *O Mito da Terra Liberta: colonização “espontânea”, campesinato e patronagem na Amazônia Oriental*. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais. pp. 27-55.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. 2003. Agricultura familiar e campesinato: rupturas e continuidade. *Estudos Sociedade e Agricultura*, Rio de Janeiro, n. 21, outubro: 42-61.

CARNEIRO, Maria José. 2008. “Rural” como categoria de pensamento. *Ruris*, Campinas. vol. 2, n. 1: 9-38.



UnB



DAN

ALMEIDA, Mauro W. B. 2007 [1998]. Narrativas agrárias e a morte do campesinato. *Ruris*, Campinas, vol. 1, n. 2: 157-188.

OBS.: entrega do exercício intermediário de avaliação.

#### IV – O debate em torno da noção de povos e comunidades tradicionais no Brasil (2 sessões).

Revisaremos e contextualizaremos o debate trivial básico sobre a noção de povos e comunidades tradicionais no Brasil e as distintas postulações teórico-metodológicas e políticas.

02/05

---

DIEGUES, Antonio Carlos. 1996. “Introdução”. Em *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. São Paulo: HUCITEC. pp. 13-21. (+) DIEGUES, Antonio Carlos (org.). 2001. *Os saberes tradicionais e a biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério de Meio Ambiente; São Paulo: Nupaub/USP. [Capítulos a definir]

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. 2008 [2004]. “Terras Tradicionalmente Ocupadas: processos de territorialização, movimentos sociais e uso comum”. Em *Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas*. Manaus: PGSCA/UFAM. pp. 25-131.

LITTLE, Paul. 2002. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. *Série Antropologia* nº 322 (Brasília: DAN/UnB).

CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro W. B. “Populações tradicionais e conservação ambiental”. Em CUNHA, Manuela Carneiro da, *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: CosacNaify, 2009. pp.

CUNHA, Manuela Carneiro da; ALMEIDA, Mauro W. B. “Populações tradicionais e conservação ambiental”. Em CUNHA, Manuela Carneiro da, *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: CosacNaify, 2009. pp.

06/05

---

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. 2015 [2010]. “A comunidade tradicional”. Em Udry, Consolacion; Eidt, Jane Simoni (eds.), *Conhecimento Tradicional: conceitos e marco legal*. Brasília, DF: Embrapa. pp. 21-101.

MURA, Fabio; SILVA, Alexandra Barbosa da. 2011. Organização doméstica, tradição de conhecimento e jogos identitários: algumas reflexões sobre os povos ditos tradicionais. *Raízes*, vol. 31, n. 1, pp. 96-117.

PRADO, Rosane Manhães. 2012. “Viagem pelo conceito de populações tradicionais com aspas”. Em STEIL, Carlos; CARVALHO, Isabel (orgs), *Cultura, Percepção e Ambiente: diálogos com Tim Ingold*. São Paulo: Terceiro Nome. pp. 173-189.

TORRES, Mauricio; et al. 2012. “Populações tradicionais”. Em TORRES, M. (coord.), *Floresta Nacional do Crepori: atividade de complementação ao censo e caracterização socioeconômica de seus ocupantes*. São Paulo: ICMBio. pp. 147-169

V – Panorama sobre alguns povos e comunidades tradicionais no Brasil (5 sessões). Nesse bloco final, revisaremos uma pequena parte da vasta literatura (não só etnográfica) relativamente recente, sobre alguns dos coletivos abarcados pela noção de **povos e comunidades tradicionais**, tentando abranger tanto a produção de diferentes grupos de pesquisa sobre estes, quanto formulações de seus próprios intelectuais. Em princípio, trabalharemos de modo panorâmico com o universo de: quilombolas/afro-indígenas (Bispo); seringueiros/extratvistas (Chico Mendes); caboclos/ribeirinhos; geraizeiros/ vazanteiros/veredeiros (Moisés); caiçaras/pescadores; faxinalenses/fundo e fechos de pasto (A. Dallagnol); caipiras.

16/05 – seringueiros e agroextrativistas

---

GRZYBOWSKI, Cândido (org.). 1989. *O testamento do homem da floresta: Chico Mendes por ele mesmo*. Rio de Janeiro: Fase.

ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. 2012 [1988]. As colocações: forma social, sistema tecnológico, unidade de recursos naturais. *Mediações*, Londrina, 17(1): 121-152.

**UnB****DAN**

WOORTMANN, Ellen F. 1998. "Homens de hoje, mulheres de ontem: gênero e memória no Seringal". In: Carmelita Brito de Freitas (org.). *Memória: Anais do I Seminário e da II Semana de Antropologia da Universidade Católica de Goiás*. Goiânia: Editora UCG.

PANTOJA, Mariana Ciavatta; COSTA, Eliza Mara Lozano; ALMEIDA, Mauro William Barbosa de. 2011. Teoria e prática da etnicidade no alto Juruá acreano. *Raízes* v.33, n.1 (Dossiê Povos e Comunidades Tradicionais; Carlos Guilherme do Valle e Rodrigo de Azeredo Grunewald - orgs.): 118-136.

---

### 23/05 – caboclos e ribeirinhos

---

LIMA, Deborah Magalhães. 1999. A construção histórica do termo caboclo: sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. *Novos Cadernos NAEA*, Belém, 2 (2):5-32.

HARRIS, Mark. 2006. "Presente ambivalente: uma maneira amazônica de estar no tempo". Em ADAMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter (eds.), *Sociedades caboclas amazônicas: modernidade e invisibilidade*. São Paulo: Annablume. pp. 81-108.

WITKOSKI, Antônio Carlos. 2002. *Terras, Florestas e Águas de Trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais*. Manaus: Editora da UFAM (Série 'Amazônia: a terra e o homem'). [Capítulo a indicar.]

FRANCESCO, Ana A. de; FREITAS, Alexandra; BAITELLO, Clara; GRAÇA, Denise da Silva. 2017. "História de Ocupação do Beiradão no Médio Rio Xingu". Em MAGALHÃES, Sonia; CUNHA, Manuela Carneiro da (orgs.), *A Expulsão de Ribeirinhos em Belo Monte: relatório da SBPC*. São Paulo: SBPC. p. 41-65.

---

### 30/05 – quilombos e afro-indígenas

---

ARRUTI, José Maurício A. 1997. A emergência dos "remanescentes": notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. *Mana*, 3(2): 7-38.

ALMEIDA, Alfredo Wagner de. 2002. "Os Quilombos e as Novas Etnias". In O'DWYER, Eliane Cantarino (org.), *Quilombos: identidade étnica e territorialidade*. Rio de Janeiro: ABA/FGV Editora. pp 56-88.

MELLO, Cecília Campello do Amaral. 2017. Quatro ecologias afroindígenas. *R@U*, 9(2): 29-41.

SANTOS, Antonio Bispo. 2015. *Colonização, Quilombos: modos e significados*. Brasília: INCTI/UnB. [Capítulos a indicar.]

---

### 06/06 – geraizeiros, vazanteiros, catingueiros e veredeiros.

---

CUNHA, M<sup>a</sup> das Graças Campolina 2010. "Territorialidades sertanejas: permanências e transformações no espaço rural norte mineiro". Em COSTA, João Batista de A; OLIVEIRA, Cláudia L. de (orgs.), *Cerrado, Gerais, Sertão: comunidades tradicionais nos sertões roseanos*. Montes Claros: Cidade. pp. 114-128.

COSTA F<sup>o</sup>, Aderval. 2014. Gurutubanos, Caatingueiros e Geraizeiros: identidades rurais e territorialização. *Teoria e Sociedade*, Número Especial (Antropologias e Arqueologias, hoje), pp. 251-267.

NOGUEIRA, Monica. 2017. *Gerais a dentro a fora: identidade e territorialidade dos Geraizeiros do Norte de Minas Gerais*. Brasília: Mil Folhas. Coleção Mil Saberes. [Capítulos a indicar.]

OLIVEIRA, Moisés Dias de. 2017. *Autodefinição Identitária e Territorial entre os Geraizeiros do Norte de Minas: o caso da comunidade Sobrado*. Dissertação (Mestrado Profissional) - Desenvolvimento Sustentável (PPG-PDS), Sustentabilidade junto a Povos e Terras Tradicionais. [Capítulos a indicar.]

---

### 13/06 – caiçaras e pescadores

---

ADAMS, Cristina. 2000. As populações caiçaras e o mito do bom selvagem: a necessidade de uma nova abordagem interdisciplinar. *Revista de Antropologia*, 43(1): 145-182.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. 2015. Aprendizagem como gênese: prática, skill e individuação. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, UFRGS, ano 21, n. 44, pp. 109-139.

OBS.: conversa sobre as propostas de trabalhos finais.